

Ano 11, Vol XXI, Número 1, Jan-jun, 2018, Pág. 230-249

LUZES DA RIBALTA, A POSSIBILIDADE DE SER EU MESMO NA CONVIVÊNCIA COM O OUTRO: A VIVÊNCIA DA CORPOREIDADE EM PARTICIPANTES DE UM GRUPO DE TEATRO

Luyendyk Lustosa Cardoso, Denis Guimarães Pereira & Ewerton Helder Bentes de Castro

RESUMO: Sabe-se que as artes funcionam como canais de expressão de individualidades e como espaço para se descobrirem as possibilidades e potencialidades das pessoas. Como será que os próprios artistas enxergam suas vivências num meio artístico? Como percebem sua evolução? A arte aqui em foco é o Teatro. O que será que pode revelar a escuta cuidadosa de atores sobre essa atividade? Levando em consideração as idéias de Merleau-Ponty, o presente trabalho buscou compreender as experiências proporcionadas pelo teatro a jovens participantes de um grupo teatral, sob a luz da fenomenologia, caracterizando os sentidos atribuídos por eles às atividades cênicas. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada por meio de entrevistas na própria residência dos participantes. Para os participantes, não residentes em Manaus, a entrevista foi enviada por correio eletrônico. Na obtenção das entrevistas, inicialmente, foram feitos convites aos integrantes do grupo teatral, logo foi apresentado aos participantes do estudo o objetivo do trabalho e a importância de sua participação e utilizou-se entrevista áudio gravada que partiu da seguinte questão norteadora: "**Que reflexos na sua vida cotidiana você percebe como resultados das atividades desenvolvidas no grupo teatral?**". Através destas, foi construída a Síntese e a análise Compreensiva das vivências relatadas sob o viés da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty. O trabalho contribuiu para levantar algumas características sobre o fazer teatral e como ele influencia os modos de ser de seus participantes. As categorias de análise levantadas foram: a) *libertando-se das próprias amarras: superando a vergonha e a timidez* (o medo de ser julgado; timidez exacerbada; introversão/solidão; a decisão é do outro); b) *auto-afirmação* (outro posicionamento diante da vida; trabalho em grupo; maior comunicação com o outro; maior auto-confiança; expressam o que sentem); c) *respeitável público, a partir de agora seremos nós: e a comunicação é redimensionada* (a percepção entre emissor e receptor de uma mensagem; a comunicação intra e extra familiar modifica; maior adaptabilidade às situações; liderança; novas amizades; possibilidades); d) *um novo lugar: o grupo de teatro* (mudança na rotina; percepção de mudanças sob vários aspectos; mudança nas relações familiares; o grupo vivido como família; o estar no grupo é prazeroso); e) *E minha relação com o outro modifica*. O foco deste trabalho foram as mudanças pós-teatro percebidas nas pessoas; e do processo exato, o “como” especificamente elas se operam, pudemos obter apenas algumas pistas.

Palavras-chave: Teatro, Fenomenologia, Merleau-Ponty

ABSTRACT: It is known that arts work are individual ways of expression, as well as a space to people's discovery of possibilities and potentialities. How is it that artists see their experiences in a artistic environment? How do they perceive their evolution? The art here focused is the Theatre. What is it that can reveal the careful listening of the characters about that activity? Taking in consideration the ideas of Merleau-Ponty, the present work looked forwards to comprehend the experiences provided by the theatre to young participants of a theatrical group, under the light of Phenomenology, characterizing the meaning by them attributed to the scenic activities. Participated in the research five integrants and five former integrants of the Shingeki Theatrical Group, being five women and five men. The research, in a qualitative character, was taken in the participant's houses. For two participants, Manaus non-residents, were sent the questions via email to be responded. For the interview obtainment, initially were made invitations to t integrants of the theatrical group; it was presented to the participants of the study the objective of the work and the importance of their participation; it was used a recorded audio interview that started from the following guiding question: "Which reflexes in your day-to-day life you perceive as a result of the activities developed at the theatrical group?". Through those, it was built the Synthesis and the comprehensive analysis of the experiences reported under the bias of Merleau-Ponty's existential phenomenology. The work contributed to acknowledge some characteristics about the theatrical doing and how it influences the behavior of its participants. The analyzed categories were: a) Breaking free from its own chains: overcoming shame and shyness (the fear of being judged; exacerbated shyness; introversion/loneliness; it's someone else's decision; b) self-affirmation (another posture before life; team work; better communication with others; greater self-confidence; expression of feelings; c) Honorable audience, from now on it's us: the communication is resized (the perception between emitter and receptor of a message; the communication in and outside the family has changed; greater adaptability to situations; leadership; new friendships; possibilities; d) a new place: the theatrical group (routine changes; perception of changes under various aspects; change in the relationship with relatives; the group experienced as family; being in the group is joyful; e) And my relation with others changes. The focus of this work was the changes post-theatre perceived in people; and the exact process, how specifically they operate, we could obtain some clues.

Key Words: Theater; Phenomenology, Merleau-Ponty

INTRODUÇÃO

A concepção positivista da ciência em relação à percepção a define como distinta à sensação, assim, "[...] nesse sentido, a percepção é o ato pelo qual a consciência apreende um dado objeto, utilizando as sensações como instrumento" (NÓBREGA, 2008, p. 141). Esta visão dualista de separação da consciência em sujeito e objeto, bem como mesmo a divisão do homem em corpo e alma, fazia parte do pensamento filosófico ocidental desde os trabalhos de Platão, que advogava que a alma, antecedente ao corpo e habitante primária do mundo das ideias, aprisionava-se no corpo. Tinha-se, assim, como *status quo*, uma preferência evidente do intelecto, visto muitas vezes como relacionado à moralidade, frente ao aspecto corpóreo da existência, associado aos desejos carnis, promíscuos e tóxicos aos ditos "bons costumes"

Descartes aprofunda, ainda, o dualismo alma e corpo proposto por Platão, trazendo uma visão naturalista da existência humana, na qual o corpo, máquina física e regido pelas leis da natureza, era responsável pela recepção das sensações, ditas como aspectos físicos que podem vir a ser mensurados, para, então, serem transmitidas à alma, que geraria a percepção do objeto (FERREIRA, 2014).

Diferentemente do racionalismo defendido por Descartes, o empirismo, de acordo com Carmo (2004, p. 24), “[...] vê a consciência como um recipiente vazio que seria preenchido pelos dados dos sentidos, isto é, a nossa mente, a princípio vazia, é preenchida pelas sensações enviadas pela percepção, que lá ficam gravadas como marcas na cera”. Assim temos, que o real é, na verdade, “[...] reduzido aos dados sensíveis imediatos” (p. 25). O conjunto de sensações se representa na forma de percepções, que, em conjunto, formam as ideias abstratas que, então, enraízam-se na mente (CARMO, 2004).

Como via intermediária entre o racionalismo e o empirismo, o intelectualismo (ou idealismo) “acredita que a consciência é dinâmica, rica o suficiente para elucidar as ambiguidades originadas da percepção” (CARMO, 2004, p. 25). Assim, temos que, no intelectualismo, ainda que seja necessária a interpretação de sensações do mundo externo para a elaboração do conhecimento pela consciência, estas, sozinhas, são falhas e são incapazes de gerar verdades sem a necessidade de que haja a “consciência, que com sua vigilância, pode dar conta da realidade, apresentando-nos certezas” (p. 25). Portanto, temos que, na visão idealista, a consciência é a entidade formadora do mundo, sendo, então, este uma derivação daquele.

Crítico da dicotomia representada pelas teorias empíricas e intelectualistas para o aprendizado da consciência, pode-se exemplificar a crítica de Merleau-Ponty, filósofo francês nascido no início do século XX, fruto da geração de filósofos que ficou conhecida como “geração dos descontentes”, em relação ao modelo da teoria de conhecimento cartesiana com o seguinte trecho retirado de Merleau-Ponty (1945) citado por Carmo (2004):

Estamos habituados pela tradição cartesiana a nos desprendermos do objeto; disso resulta que, na relação consciência-mundo, há dois sentidos, e somente dois, da palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência. (CARMO, 2004, p. 27)

Para Merleau-Ponty (2011, p. 1), pode-se definir a fenomenologia como “[...] o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”. Temos, assim, que a fenomenologia tem como a principal característica a crítica ao distanciamento entre o sujeito e o objeto postulado por outras correntes do pensamento, pregando o retorno da filosofia ao reencontro do contato ingênuo com o mundo, tido como que “[...] está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1).

O aspecto “descritivo” do mundo externo em detrimento a uma visão “explicativa” deste era defendido por Merleau-Ponty. Este ponto de vista de uma “psicologia descritiva” que tinha como objetivo o retorno “às coisas mesmas” tinha, para Merleau-Ponty, como principal fundamento a desaprovação da ciência. Ele postulou: “Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). Ou seja, para Merleau-Ponty, a percepção do mundo, através das sensações por este oferecidas, são essenciais, de fato, para o conhecimento formado e, na ausência dessa, não há formação deste. E a explicação para o fato de que o pensamento científico não é capaz de dar, sozinho, sentido ao objeto, de acordo com Merleau-Ponty, encontra-se no fato de que a ciência é somente uma determinação ou uma explicação do mundo, não sendo parte da sensação produzida pelo mesmo.

As informações advindas da percepção dos nossos sentidos se dão de uma forma global, ou seja, ainda que não haja uma visão completa e perfeita do objeto, há uma intercomunicação e, até mesmo, uma unidade entre os sentidos, sem retirar, no entanto, a especificidade de cada sentido próprio. Podemos tocar com a visão, podemos ver com a audição e até mesmo ver através do tato (CARMO, 2004).

Temos que, então, na fenomenologia de Merleau-Ponty, não há a tradicional discussão da filosofia se o conhecimento parte da consciência para as coisas ou vice-versa, visto que somente há consciência *de* alguma coisa e o objeto só é objeto *para* uma consciência. A própria definição do objeto depende da consciência perceptiva do sujeito. Este aspecto, então, torna o sujeito não como mero espectador do mundo, mas

verdadeiramente participante, estando entre os objetos, interagindo com eles, um *ser-no-mundo* (MERLEAU-PONTY, 2011).

O pensamento de Merleau-Ponty, no entanto, vai além da *teoria organismo-entorno*, visto que esta ainda trata que as informações do meio externo são captadas para serem decodificadas pelo organismo, ou seja, o meio externo que seriam determinantes exclusivas das modificações no organismo. O filósofo propõe que o próprio organismo, através do movimento, participa da reorganização da estrutura do ser e, conseqüentemente, do mundo. Assim, “o meio se destaca do mundo segundo o ser do organismo, estando claro que um organismo não pode existir, salvo, se encontra no mundo um meio adequado” (IBIDEM, p. 39).

O movimento, na filosofia de Merleau-Ponty, é fundamental para a percepção, pois esta é a expressão daquele, visto que o corpo só percebe aquilo que movimento capta, seja pelo movimento ocular, seja pelo direcionamento do corpo no mundo segundo o que lhe faz sentido, a chamada “situação do corpo no mundo”. Temos, portanto, que a motricidade do corpo é uma intencionalidade que faz a expressão aparecer pois, através do movimento, atitude perceptiva, que o corpo realmente se expressa (REIS, 2011).

Levando em consideração as idéias de Merleau-Ponty, o presente trabalho busca compreender as experiências proporcionadas pelo teatro a jovens participantes de um grupo teatral, sob a luz da fenomenologia, caracterizando os sentidos atribuídos por eles às atividades cênicas.

A palavra teatro, de origem da palavra grega *theatron*, tem como significado o “lugar de onde se vê”. A etimologia da palavra, então, remete aos pensamentos do filósofo clássico Aristóteles quanto à capacidade do teatro de permitir com que se conheça, um conhecer que aprofunda-se além da superfície visível. A principal qualidade do teatro para Aristóteles, então, residia na percepção de ensinar às pessoas a enxergar além do próprio discurso, além das próprias aparências, para conseguir ver o encoberto, o que se localiza nas profundezas (OLIVEIRA & STOLTZ, 2010).

Oliveira & Stoltz (2010) concorda com a visão de Aristóteles ao citar que:

De igual maneira é possível e exequível o pós-efeito cognitivo da arte. Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatores amiúde inteiramente dispersos. É que, como

qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento. (p. 86)

O mesmo autor ainda apresenta que o teatro é capaz de estimular e desenvolver a linguagem verbal e corporal, a memorização, a atenção e a organização espacial, sendo todos aspectos dotados de cultura e que necessitam de interação social. O estímulo artístico, então, é capaz de mobilizar de forma conjunta aspectos cognitivos, afetivos, sociais e motores dos sujeitos, tendo como consequência o estímulo à aprendizagem, aos exercícios repetitivos e a construção de conhecimento.

A interação, assim, é referenciada por Porto e Kafrouni (2013, p. 577), é “inevitavelmente necessária na inserção social do indivíduo enquanto participante de um processo histórico e cultural que o produz, e, conseqüentemente, por ele é produzido”. Podemos perceber, então, que a interação pode ser entendida como um processo de existência para o sujeito, visto que este só se constitui através da relação com outros e sua identidade somente se define através da alteridade, ou seja, através de processos de significação cultural.

Desde os momentos do crescimento e da formação, a introdução da arte e, mais especificamente, do teatro, são essenciais para a formação do caráter e da capacidade de perceber o outro além do superficial, além do que pode ser simplesmente visto ou percebido imediatamente. Assim, temos que “brincadeiras de faz de conta, dramatização, jogos dramáticos possibilitam a apropriação, por parte do sujeito, de diversos papéis sociais” (SMOLKA, 2009). As experiências adquiridas nessas brincadeiras acontecem por meio da linguagem, permitindo que os seres em formação possam internalizar, elaborar, antecipar e projetar conhecimentos, afetos ou relações.

Os aspectos claramente notáveis e indiscutíveis são os relacionados à timidez. Junto das transformações de postura (melhor forma de se expressar através da fala ou de gestos; perda de vergonha; desinibição do corpo; incentivo da criatividade) são mais rápidas em uns, mais lentas em outros, mais ou menos contundentes dependendo da pessoa.

MATERIAL E MÉTODOS

O escopo da pesquisa visou compreender a influência da atividade teatral no cotidiano vivido de um grupo de teatro, levando em conta os significados existentes em seu discurso, considerando a corporeidade e teoria da Psicologia Fenomenológico Existencial de Merleau-Ponty.

Utilizou-se da abordagem qualitativa em pesquisa, haja vista que se pretendeu obter os significados da vivência, buscando informações junto às pessoas integrantes do grupo teatral. E também a opção pelo método fenomenológico que nos possibilitou investigar a vivência das pessoas e assim chegar à compreensão da mesma (CASTRO, 2009; CASTRO & GOMES, 2010; PEREIRA & CASTRO, 2017).

O Método Fenomenológico para a pesquisa em Psicologia se apresenta como possibilidades e caminhos que a ciência pode levar em conta nos estudos da corporeidade, visto que as pesquisas em Psicologia “tem se mantido presas a estudos que não possibilitaram o conhecimento do homem” (CASTRO, 2009, p. 78).

Giorgi e Souza (2010) apropriaram-se de conceitos da Fenomenologia e demonstraram sua relevância para a Psicologia, trazendo conceitos tais como: mundo-vivido, consciência, intencionalidade, significado.

A Fenomenologia é um “método de acesso à realidade concreta do mundo” (HOLANDA, 2014, p.35), e dessa forma, a pesquisa fenomenológica é basicamente uma pesquisa de natureza e que pretende dar conta do que acontece pelo clareamento do fenômeno (CASTRO, 2009).

A captação da experiência no grupo teatral deu-se através do ouvir a fala dos participantes e da convergência das unidades de significado (das falas), culminando com a revelação do fenômeno. A posição fenomenológica implica dirigir-se aos fenômenos de maneira aberta, livrando-se das especificidades e pré-conceitos. O pesquisador fenomenológico dirige-se para o fenômeno da experiência em sua forma pura e, diante dele, suspende qualquer julgamento e abandona os pressupostos a respeito deste. O relato é tomado na sua intencionalidade própria e constitutiva, isto é, não é tomado pelo que ele revela, mas pelo que é (O que ele pretende efetivamente dizer?) “se colocando

na posição de interlocutor que sente surgir de dentro de si mesmo a necessidade de resposta” (CASTRO, 2009, p. 89).

O método fenomenológico, que possui como referência a compreensão, possibilita chegar à essência do próprio conhecimento por meio das falas dos sujeitos envolvidos, pois é em seu discurso que ele tem a possibilidade de se explicitar, de revelar o sentido do ser e do existir humanos, captando também o significado de suas experiências, bem como desvelando suas verdades.

A entrevista sob o olhar da fenomenologia procura perceber o sentido do comportamento, efetuando a leitura da verdade, que culmina em ter uma visão de unidade e totalidade, visão de ultrapassagem do pensamento objetivo situando o comportamento para além de conteúdos particulares motores e visuais, é a “mostração de sua totalidade e não de seus fragmentos” (CASTRO, 2009, p.75).

Para a análise das entrevistas seguimos as orientações de Martins e Bicudo (2005) propostas em vários momentos: a) Leitura de cada entrevista do princípio ao fim no objetivo de compreender a linguagem do participante e consequente visão do todo, ou seja, neste momento não se buscara ainda qualquer interpretação do que está exposto e sem tentativa de identificação de quaisquer atributos ou elementos ali contidos; b) Releitura atenta de cada entrevista, quantas vezes foram necessárias, com a finalidade de discriminação de unidades de significados dentro da perspectiva do pesquisador. Foi uma análise psicológica que seguiu critério psicológico, sendo, assim, consequência da análise e diretamente relacionado à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador diante da questão norteadora; c) Diante das afirmações significativas, houve uma postura reflexiva e imaginativa, para expressar o que se intuiu dentro delas mesmas, deste modo buscando-se expressar o insight psicológico nelas contido, mais diretamente; d) Foram sintetizadas todas as unidades de significado transformadas em uma proposição consistente, referentes à experiência do sujeito. Assim, buscou-se a convergência das unidades significativas numa afirmação sobre a experiência dos participantes, de forma a constituir as categorias temáticas que expressam o que sentem os entrevistados.

Ao pesquisador coube, após a análise individual de cada transcrição, buscar as convergências ou invariantes, o aspecto comum que permaneceu em todas as

transcrições das entrevistas, construindo as categorias de análise. O pesquisador também levou em consideração as divergências, as idiossincrasias, de modo a aprender o fenômeno em toda a sua complexidade.

Para a efetivação da análise de dados, deu-se conta que uma das propostas existentes para a compreensão, no sentido fenomenológico, do real, foi a identificação neste do seu caráter de fenomenico e não de empírico. A partir daí, pode-se afirmar que para entender o discurso dos participantes da pesquisa pensou-se o processo a partir da Fenomenologia Existencial. Partir para a análise numa perspectiva fenomenológico-existencial consiste, dentre outras coisas, em um remeter-se a uma análise do existir na dimensão ontológica conforme a analítica da existência.

O mundo próprio constitui-se com suas próprias possibilidades e limites. A pesquisa, nesta perspectiva, não pensa em termos de realidade, mas de possibilidades. Recordemos que nada é a priori e que o processo de análise é construído no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir deste momento, serão expostas as categorias de análise encontradas considerando os discursos dos participantes.

Libertando das próprias amarras: superando a vergonha e a timidez:

Os colaboradores da pesquisa, trazem em seus excertos de discursos, a compreensão de que participar de um grupo de teatro trouxe – dentre as variáveis possíveis – a superação de dois aspectos, a vergonha e a timidez. Ressaltam que conseguiram ir além da insegurança anteriormente vivenciada por cada um em vários ambientes pelos quais transitaram:

O medo de ser julgado

Uma das primeiras coisas que a gente tende a mudar é a *vergonha*, então de uma forma ou de outra pra você se apresentar na frente, da forma que você quer, pra mostrar tudo o que você quer... É essa mudança de saber o que eu tenho de fazer não pode ser impedido pelo que eu tenho medo de fazer. Então é isso, traduzido como vergonha, ter medo de ser julgado, ter vergonha de não parecer bom, ou de não parecer normal. (SIRIUS)b

No trabalho, nas apresentações da faculdade que eu fazia antes e tal, eu já conseguia traçar uma linha-limite da vergonha diária e da vergonha de estar se apresentado, né quando eu estou me apresentando eu não me sentia tão envergonhado quanto eu sou na vida cotidiana porque na vida cotidiana eu sou tímido se eu pudesse não falar com estranhos eu não falaria que eu não sou proativo em comunicação, mas o teatro me ajudou nesse sentido. (REGULUS)

Timidez exacerbada

(...) por exemplo pra sala né, em apresentação de seminários coisa assim, eu creio que eu melhorei porque antes eu ficava toda, sabe meio, encostada assim tímida, aí quando eu vou apresentar eu já sinto mais “ah, apresentar” uma coisa normal, uma coisa que que basicamente melhorou. E em questão de... eu comecei o teatro por que eu era muito tímida (...) acho que eu não me sentia bem, mas eu queria pelo menos ser um pouco mais espontânea. E eu com esse, nesse processo consegui até perder um pouco da timidez e acho que eu melhorei um setenta por cento por aí e que tem coisa mais pra ser trabalhada. (ACRUX)

A minha maneira de me relacionar com as pessoas, principalmente na minha faculdade que eu era bem retraída, bem introvertida, eu ainda sou um pouco, mas eu tenho mais desenvoltura ao falar, acho que isso é a principal mudança. (POLARIS)

Eu nunca pensei que isso ia mudar tanto a minha vida no sentido de trabalhar essa minha timidez. Eu sou muito tímida e eu morro de medo de falar com as pessoas, não gosto que as pessoas me olhem. (...) Então o teatro me ajudou muito nesse quesito, porque, eu estar na frente de várias pessoas interpretando alguém ou mesmo sendo eu, só que um pouco modificada, transformou muito essa vergonha, eu continuo com vergonha, mas assim, é bem reduzido, mas a, o teatro, estar com um grupo, e passar por experiências diferentes me auxiliou bastante nessa minha timidez. (ANTARES)

Introversão/solidão

É, antes eu era o tipo de menina introvertida, tímida demais, a um nível que eu não conseguia falar em público, eu tinha poucos amigos por conta disso, tinha muita dificuldade em fazer trabalho, eu era realmente assim um pouco isolada. (VEGA)

A decisão é do outro

Sempre fui uma pessoa muito tímida, com dificuldade de me aproximar e fazer amizades, gostava de estar na minha zona de conforto com pessoas que já conhecia. Devido à timidez estar em público era sacrificante. Deixava os outros decidirem e resolverem as coisas por mim, pois não queria expor minhas opiniões e nem ser criticada. (POLLUX)

Merleau-Ponty (2011) revela em sua obra Fenomenologia da Percepção que é através de nossa experiência cotidiana, caracterizada por ser singular e própria, que conhecemos o mundo. Os colaboradores revelam que, antes de adentrar o espaço do

grupo de teatro, antes de se sentirem pertencendo ao grupo, inúmeras dificuldades no que concerne ao relacionamento interpessoal e até mesmo na relação consigo mesmos tornavam difícil o seu dia a dia.

Segundo Ferreira & Castro (2017, p. 27) amparados no pensamento merleaupontyano

É a experiência vivida do homem que origina e sustenta todas as explicações posteriores a ele. Esse homem – o eu – existe por si só [...] em sendo a fonte de nossos pensamentos e de todas as nossas percepções, o mundo existe antes de nossas ações reflexivas. Para alcançar o sentido do mundo, não podemos deixar de lado a subjetividade plenificada de ser e tempo, não se pode ignorar a reflexão como um acontecer [...]

Esse outro passa a existir para si mesmo, enquanto existente, a partir de sua inserção no grupo de teatro, uma vez que percebem o antes e o depois, quando caracterizam mudanças em sua forma de se relacionar com o outro e consigo mesmos.

Autoafirmação: outro posicionamento diante da vida:

Dentre os elementos trazidos pelas falas, ressalte-se que participar de um grupo de teatro, significa ir além de si mesmo. Significa reconhecer-se. Significa perceber que a *pari passu* outra postura, outro modo de ser, outra atitude diante das situações do cotidiano.

Trabalho em grupo

Agora nessa, na faculdade de gastronomia que a gente trabalha com brigada, então é um grupo, e eu basicamente sou a vice líder desse grupo, então, quando eu vou me comunicar com as pessoas eu falo pra líder “ah a gente vai fazer tal prato, pode ser?” Então eu acho que antigamente eu não fazia esse tipo de coisa, eu deixava os outros pesquisarem, eu só fazia minha parte, digamos assim, agora trabalhando em grupo tanto no Geki tanto quanto na faculdade eu já começo a dar minhas opiniões. (ACRUX)

Maior comunicação com o outro

Hoje em dia eu continuo não sabendo dançar e continuo fugindo disso, mas depois que tudo isso aconteceu eu fui mudando com as pessoas, eu fui tornando, me tornando um tipo de pessoa mais comunicativa. Hoje em dia quem me conhece fala que eu não preciso falar para eu aparecer, que só das pessoas olharem pra mim já é diferente, e antes eu não era assim, eu chegava

num local, e eu saía e não fazia diferença, hoje em dia não, hoje em dia eu me destaco de uma certa forma que eu mesma não acho que , não achei que isso um dia fosse acontecer, eu sempre achei que eu sempre ia ser aquela pessoa que sempre ia ser um número a mais, que ia tá ali, só mesmo pra enfeite, hoje em dia não, eu já tenho uma facilidade em falar com as pessoas. (VEGA)

Maior auto-confiança

As atividades teatrais me ajudaram a ser uma pessoa mais confiante e, que mesmo tendo o risco de ser ridicularizada, querer sempre mostrar meu ponto de vista. Consegui me expressar mais com a minha família também, mostrar que podia fazer minhas próprias escolhas e não aceitar o que era imposto para mim. (POLLUX)

Expressam o que sentem

Eu me diminuía bastante, digamos assim, tanto minha presença, eu não tinha voz ativa e nem nada, isso por conta da vergonha porque eu era uma pessoa envergonhada, e agora eu já consigo falar mais o que eu penso, entende? Consigo dar o meu veredicto sobre as coisas, não tenho vergonha de fazer isso. (POLARIS)

Acho que mudou um pouco, no sentido de explanar minhas ideias, eu sempre fui uma pessoa que ficou calada e ficou no seu canto e não falou muito a sua opinião sempre fiquei na minha, sempre ouvi demais, então essa mudança na minha personalidade foi bastante, assim eu me sinto menos como é que é, inibida pelas ideias dos outros eu prefiro falar a minha opinião agora. (ANTARES)

Resgatar o pensamento do filósofo, significa adentrar por um dos aspectos mais relevantes de sua teoria, a de que o homem é situado, ele é “permanente” enquanto sujeito, não existimos fora de um tempo e de um espaço, afinal, como nos diz Matthews (2011) na obra compreender Merleau-Ponty

Sou necessariamente incarnado ou incorporado em certa situação histórica (essa ideia da subjetividade humana como necessariamente corporificada é de crucial importância na filosofia de Merleau-Ponty). Minhas experiências são experiências do mundo e é o mundo que dá sentido às experiências que tenho. Por isso, não posso separar o próprio mundo do mundo enquanto significados para mim: ser humano, é ser-no-mundo (p.28).

Ser-no-mundo sendo participante de um grupo de teatro é poder perceber que a caminhada se tornou sobremaneira plena de auto percepções, e dentre estas, a de que a trajetória possibilitou ir além de si mesmos, a se auto afirmarem enquanto seres com

capacidade de seguir adiante e conseguir ter um olhar mais abrangente sobre si mesmos e sobre a vida.

Respeitável público, a partir de agora seremos nós: e a comunicação é redimensionada

O novo posicionamento apresentado na categoria anterior, um fenômeno vem somar: a eloquência. Os participantes afirmam que a prática da arte teatral propiciou que conseguissem ter maior comunicabilidade com o outro. E, nesse ínterim, são variados os elementos que se fizeram presentes.

A percepção entre emissor e receptor de uma mensagem

Ah, desenvoltura, porque no teatro você tem de transmitir uma mensagem e pra transmitir essa mensagem você tem de saber transmitir e saber como a outra pessoa vai receber essa mensagem, então isso pra mim parte da desenvoltura de você saber ter essa eloquência de transmitir o que você quer e com o tempo você vai lapidando, você vai errando, você vai percebendo que aquilo você acha que as pessoas tão vendo não é exatamente aquilo que você tá transmitindo ou que você achava que tava transmitindo. (SIRIUS)

A comunicação intra e extra familiar modifica

Acho que eu ser mais comunicativa com as pessoas, por exemplo, eu não te conheço mas eu vou querer conversar contigo e te conhecer, antigamente eu não fazia, ficava na minha, quieta e deixava outra pessoa conversar contigo pra então eu me introduzir, digamos assim ou até ficar na minha [...] acho que a forma de me comunicar com a minha família também, que eu sou o tipo de pessoa que observa, então eu fico muito calada e observadora sim, eu não me comunicava direito com a minha família ou algumas vezes falava pouca coisa, mas agora eu consigo falar mais. (ACRUX).

Maior adaptabilidade às situações

Minha maior dificuldade era essa questão da comunicação e foi com o teatro que eu aprendi isso, e é uma coisa que eu vou levar pra sempre, foi com o teatro que eu aprendi a falar com as pessoas, que eu aprendi a ouvir as pessoas, porque eu tinha que ouvir muita coisa que eu não tava preparada, porque como eu tinha aquela personalidade assim um pouco egocêntrica pra mim eu era boa do jeito que eu era e pronto, se alguém quisesse me aceitar, tinha que me aceitar do jeito que eu era e pronto. Mas às vezes a gente tem que se modelar as situações, tem que se adaptar as situações e hoje eu me sinto assim, hoje eu consigo me adaptar as situações que são apresentadas a mim, que não me incomodam né? (VEGA)

Eu era mais tímida, eu ainda sou um pouco, mas eu consigo falar quando, por exemplo, se eu vou conhecer alguém novo antes eu não conseguia trocar uma palavra com uma pessoa que eu não conhecia, nenhuma mesmo, até passava mesmo como mal educada, que eu ficava com a cara fechada, que eu não conseguia falar nada, não conseguia conversar e isso mudou também, se tu me apresentar alguém hoje em dia, eu já vou saber falar com essa pessoa, puxar conversa, tentar criar alguma relação (POLARIS)

Eu tinha um problema muito grande que eu era muito fechado com as pessoas e geralmente eu, eu começava a fazer minhas próprias atividades para mim mesmo, eu não envolvia ninguém e aí depois que eu comecei a frequentar o teatro eu comecei a participar mais de atividades em grupo e isso me ajudou bastante com relação à ao relacionamento com as pessoas e atividades em público que normalmente eu não teria feito nenhuma atividade em público se não fosse por causa do teatro (ALDEBARAN)

Liderança

Após ingressar no grupo de teatro a comunicação melhorou de forma significativa, passei a compreender melhor e a respeitar as opiniões de cada pessoa. Quando me tornei parte da diretoria do grupo percebi que liderar é uma tarefa muito difícil, nem sempre as opiniões combinavam e não era possível fazer apenas o que achava melhor sem ouvir os outros integrantes. O mais importante que aprendi foi sempre tentar o diálogo (POLLUX)

Novas amizades

É muito difícil pra mim, como pessoa, me aproximar de alguém, conversar, então, me ajudou muito a fazer amizades novas e também a querer fazer amizades novas externamente. (...) depois que eu fiz teatro eu botei na minha cabeça que mesmo que eu tenha esse círculo de amigos eu preciso de outro círculo de amigos e outro círculos de amigos então eu tenho que ter “n” círculos de amigos, então eu consegui fazer mais grupos de amigos, um pouco demorado, demora porque é complicado chegar em alguém, mas assim, eu melhorei porque eu consegui falar. (ANTARES)

Possibilidades

O que mais me ajudou eu acho, isso é um lado totalmente pessoal eu acho que é uma característica minha, porque eu sou japonês, o que me fez mesmo modificar foi o meu desenvolvimento da língua portuguesa, de você saber falar em diferentes dialetos diferentes (REGULUS).

Sempre me achei introvertido, nunca fui bom de interagir, iniciar ou manter conversa com pessoas que não conheço muito bem, mas com o tempo e amizade isso vai mudando. No teatro acho que essa transição acontecia mais rápido, afinal a ideia era ser extrovertido, se não, qual o objetivo de estar lá? Era pra gritar, se jogar no chão, fazer poses sem sentidos e ser algum personagem legal, ter uma carta branca comportamental. (BETELGEUSE)

E a experiência que me faz sentir no mundo a partir da imersão de meu corpo nas situações cotidianas. O corpo vive e está no mundo, é o meu corpo, e, portanto, não pode ser reduzido a um mero objeto (FERREIRA & CASTRO, 2017). Afinal, como diz Merleau-Ponty (2011), existir significa ser um corpo, que o viver sempre se dá corporalmente e que é no corpo que se dá a relação homem-mundo.

O corpo não é apenas uma massa material, pois toda experiência humana é sempre corporal. Dessa forma, não se pode separar corpo e consciência. Como nos diz a

teoria de Ponty (2011), onde há corpo, há história vivida. E os colaboradores da pesquisa revelam esse aspecto, no sentido de que ao reconhecerem o próprio corpo no processo de aprendizagem teatral, percebem que um dos aspectos notadamente modificado, diz respeito à comunicação, que se revela sob nova dimensão.

Um novo lugar: o grupo de teatro

Pertencimento. O não-pertencimento deixa de existir. O grupo se torna parte de cada um e, dessa forma, um novo modo-de-ser diante de si mesmos e da vida. Assim, os excertos de discursos trazem:

Mudança na rotina

Todo mundo começou a me notar e parece que todo mundo começou a perceber a dificuldade que eu tinha em me apresentar em público, tanto que o teatro ele acaba mexendo um pouco com as emoções. (...) depois eu comecei a interagir mais com o grupo e a gente começou a sair, começou a ir pra casa de um e outro né, tu lembra? E a gente fazia um churrasco e aí eu fui conhecendo cada vez mais cada um e fui me acostumando com cada um e eu acho que todo mundo foi se acostumando comigo e me ajudando nessa dificuldade, eu acho que eles não sabiam disso, mas eles estavam me ajudando nessa dificuldade que eu tinha [...] O teatro ele servia pra aquelas pessoas como uma forma de fuga, de libertação dos problemas, eu ia pro teatro pra me sentir bem, eu ia pro teatro pra me sentir feliz, quando eu tinha algum problema em casa, eu dava graças a deus quando eu tinha um ensaio no domingo, então tinha muitas pessoas que eram assim. (VEGA)

Percepção de mudanças sob vários aspectos

A minha experiência no teatro foi maravilhosa, só me trouxe boas coisas, se hoje sou uma pessoa mais alegre, extrovertida, simpática e confiante foi por causa dessa experiência.(POLLUX)

O grupo significa muito tempo da minha vida gasto aqui, amizades, vários sentimentos que foram passados, compartilhados e vividos juntos, então é uma coisa muito valiosa. (ALTAIR)

Mudança nas relações familiares

Eu to bem mais mais leve, mais, com menos peso na costa, que antes eu tinha um, como eu posso dizer, eu tinha um problema com meu pai, tinha problema com a família e hoje basicamente não influencia em nada, tanto porque no teatro eu consegui me livrar disso [...] Consegui ter um “escape”, a gente vai pro ensaio pra tentar se livrar das coisas do dia a dia e se focar só ali, então isso aconteceu no teatro, e aí passei a me importar menos com esse tipo de coisa, com problemas do dia a dia e tentar viver o dia de hoje, e tentar o amanhã sem me preocupar com o que eu fiz no passado [...] Hm teatro, ele significou pra mim... é uma segunda família, porque eu gostava bastante de me encontrar com o pessoal, fazer os ensaios e as confraternizações tanto que hoje eu tenho contato com esse pessoal e praticamente como se fosse parte da minha família. (ALDEBARAN)

O grupo vivido como família

Eles representam muito na minha vida porque a minha transformação partiu daí. Então o teatro pra mim é uma família, tem suas diferenças e tudo mais, a gente briga briga, puxa a orelha mas é porque a gente é uma família, então de algum jeito a gente “quebrando pau” a gente vai se resolver, então é mais que um grupo de lazer, é um grupo realmente que é minha família mesmo, é a parte de mim, um pedaço meu tá ali. (ANTARES)

O estar no grupo é prazeroso

As pessoas e os ensaios eram essencialmente engraçados, uma boa reunião teatral era uma reunião com risadas e piadas do início ao fim, às vezes nem nos preocupávamos tanto com o andamento da peça, no fim daria tudo certo, porque gostávamos de estar lá. Diria que o principal pilar do grupo e o que ele mais significava pra mim era diversão (BETELGEUSE)

Considerando o exposto nas falas, cumpre neste momento resgatar o que Merleau-Ponty (2011) compreende enquanto espacialidade do corpo. Acentua que não é semelhante à dos objetos – espacialidade de posição -, mas uma espacialidade de situação, ou seja, “a fixação do corpo ativo em um objeto, a situação do corpo em face de suas tarefas” (FERREIRA & CASTRO, 2017, p. 29).

O sujeito é destinado ao mundo, já enfatizava Ponty (2011). Dessa forma, o mundo é percebido como o cenário natural de todos os meus pensamentos e percepções, uma vez que, sou consciente de minhas próprias experiências e, através da intencionalidade, consciente dos objetos dessas experiências. E, nesse contexto, os participantes do grupo de teatro, percebem que pertencem a esse lugar, ao grupo. É, partindo do pressuposto do filósofo francês, a partir da vivência desse corpo, mergulhado na atividade grupal, que o grupo torna-se eles, eles se tornam o grupo.

E minha relação com o outro, modifica

As transformações inerentes à participação no grupo de teatro possibilitam perceber que a modificação interna de cada um vai além deles mesmos. O outro passa a ser compreendido sob outra perspectiva, a de co-participante da vida de cada um dos colaboradores, conforme nos mostram as falas:

Houve realmente um período no meu caso, em que eu desprezava a presença de um grupo, porque eu achava, eu achava que era bom suficiente por eu mesmo, então eu não preciso de grupo porque eu, eu já me basto. E o teatro ele ajudou, ele ajudou também a me provar errado, a me provar errado, eu daquela época né, porque quando eu entrei no teatro eu já tinha mudado de

opinião, mas me ajudou a provar que certas coisas você não faz sozinho, você só consegue em grupo, certas tarefas você não, é... certas tarefas você pode até fazer mas não vai fazer tão bem quanto você faria se não tivesse ajuda de outros pontos de vista, ajuda de outras habilidades, e outras histórias, ali dando o seu backup (SIRIUS).

Eu não sei se isso aconteceu por causa de minha criação porque eu sou filha única, então eu nunca precisei de outras pessoas para fazer as atividades que eu precisava fazer, eu sempre brinquei sozinha, sempre estudei sozinha então eu sempre fiz tudo só e quando eu me deparei em uma situação em que eu tinha que me inserir em um grupo pra eu conseguir alguma coisa, eu tive dificuldade e eu acho que o teatro me ajudou, me ajudou nisso, porque me mostrou pessoas diferentes, me mostrou pessoas que pensam de uma forma diferente, mas que podem me favorecer de uma certa forma (VEGA).

Saber coordenar as pessoas em cada função porque se acaba tendo que interagir pra poder dizer o direcionamento, no caso, e daí você saber dar opiniões de forma que não machuque a pessoa, que seja construtivo pra ela, e tendo essas interações, fora que você vai ter que lidar com vários sentimentos não só seus como dos outros, então é bem legal, de certa forma, que às vezes acontece uns atritos, mas nada de anormal, é coisas da vida então (ALTAIR).

Eu não era uma pessoa acostumada [a trabalhar em grupo] porque como eu disse, eu gosto, eu prefiro fazer as coisas sozinha, mas é bom, tu aprende a aproveitar melhor os outros pontos de vista, tu se deixa aberta a outros pontos de vista, e isso te ajuda nas tuas próprias ideias, é muito bom. (POLARIS)

Eu sou mais aberto a novas opiniões, um tipo de visão diferente do que eu tinha antes, eu era muito fechado, eu não discuto mais, opinião e nem razão em nenhum meio social, nenhum tipo de política nem religião. Antes eu defendia com unhas e garras porque eu tinha uma filosofia única eu acho que eu posso dizer isso, de vida que se resumia somente a mim, que o mundo girava em torno de mim e não era assim (ALDEBARAN).

Em qualquer lugar que você trabalha em grupo você tem que ser mais ou menos assim é, um diplomata porque você tem que lidar com tipos de pessoas, então não é uma coisa muito fácil, então eu já sou uma pessoa que sei lidar com vários tipos de pessoas, mas assim, tem algumas pessoas né que a gente nunca vai se identificar, porém, a gente tem que levar porque é um grupo (ANTARES).

Merleau-Ponty (2011) revela que o eu de que tenho consciência na experiência, antes de quaisquer fatores, é aquilo que sou consciente ao agir. Afinal, como dizia esse autor “o trabalho da mente só existe em ato” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 36). A experiencição da unidade do meu eu, me mostra que, meu passado, incluindo aí minhas escolhas passadas, me dá os motivos e razões para minhas ações presentes, que têm consequências para meu futuro. Minha unidade – que sou eu mesmo – está em contínua transformação. O que sou é o que estou permanentemente vindo a ser. Minha vida desdobra-se em tempo histórico, em uma continuidade histórica. Não no sentido reducionista, pelo contrário, a história de vida pessoal é uma sucessão de eventos.

E, nessa sucessão do vir-a-ser, os participantes percebem o quando suas vidas foram redimensionadas, apresentando detalhes e nuances que foram possibilitando que se percebessem a si mesmas e, principalmente, ao outro. O outro é importante. O outro me locupleta. O outro me possibilita ir além de mim mesmo. Afinal, ser-no-mundo é ser-com-o-outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos autores desta pesquisa, tendo completado 10 anos como integrante do grupo teatral em questão, observou a mudança de comportamento que ocorria nos amigos ao longo do tempo: mudavam a postura, as expressões faciais, o jeito de vestir, de falar, se tornavam mais simpáticos e interagem mais. Mas o quanto dessas mudanças foi devido ao teatro? Se houvesse uma hipótese a ser testada neste trabalho, ela seria confirmada: o teatro influenciou positivamente o modo de ser das pessoas.

Mesmo a “hipótese” tendo sido confirmada, fomos surpreendidos com um aspecto que não tinha sido imaginado, inesperado mesmo, e que foi o mais presente nas falas: a aquisição do poder de se comunicar. Não havíamos pensado nisso pois acreditávamos que todos sempre tiveram essa capacidade, mesmo que introvertidos, e que pudessem usá-la sempre que quisessem. Não imaginávamos o quanto retraídas e engasgadas estavam suas vozes, e o quanto deixaram de fazer por não ousarem se expressar. O método fenomenológico de pesquisa propiciou nos colocarmos na posição de pesquisador ingênuo, onde descobrir e redescobrir angústias passadas e presentes com mais clareza, bem como suas vitórias.

Mesmo quando trabalhado em contextos menos favoráveis, como em presídios, unidades socioeducativas, instituições de amparo a crianças ou a cidadãos que vivem em contexto de vulnerabilidade, ou em grupos da melhor idade ou em escolas, tal atividade é sempre mencionada como enormemente influenciadora, integradora, enfim, querida. Mas então, que elementos fazem do teatro uma arte com tal destaque, tão laureada? O foco deste trabalho foram as mudanças pós-teatro percebidas nas pessoas; e do processo exato, o “como” especificamente elas se operam, pudemos obter apenas algumas pistas. Que outros tantos significados e que outras mudanças podem advir do teatro, além das expostas aqui? Provavelmente em contextos diferentes emerjam

conteúdos diferentes. Fica o desafio para a fenomenologia encontrar a essência dessa arte; fica a expectativa de diferentes enfoques sobre o tema; espera-se que mais estudos corroborem a importância de tal arte na re-significação do “ser-no-mundo” de indivíduos nos mais variados contextos.

Considerando ainda os contextos desfavoráveis, acreditamos que o teatro possa fazer uma diferença mais notável ainda; que possa dar voz a pessoas não somente oprimidas por seus medos ilusórios, mas por contextos sociais reais de violência, hostilidade, dureza, etc. É, pois, de pretensão aprofundar sobre o assunto e usar essa ferramenta como instrumento de intervenção psicossocial em futuros estudos.

REFERÊNCIAS

- CARMO, P. S. do. *Merleau-Ponty: Uma introdução*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2004. 160 p.
- CASTRO, T. G. de. *Lógica e Técnica na Redução Fenomenológica: da Filosofia à Empíria em Filosofia*. 2009. 104f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CASTRO, T.G.; GOMES, W.B. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
- CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger In: CASTRO, E.H.B. *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa* – Curitiba: Appris, 2017, p. 17-26.
- COLA, C. Temporalidade em Bergson e Merleau-Ponty. *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 46-51, 2008.
- FERREIRA, C. F. *Re-descobrimo ser-si-mesmo: a existencialidade de mulheres praticantes do pole dance*. 2014. 35f. Projeto de Pesquisa (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- FERREIRA, C.F. & CASTRO, E.H.B. A fenomenologia de Merleau-Ponty. In: CASTRO, E.H.B. *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. – Curitiba : Appris, 2017 p. 27-31
- GIORGI, A. & SOUSA, D. *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. 1. ed. Lisboa: Fim de Século Edições, ago. 2010.
- HOLANDA, Adriano Furtado. *Fenomenologia e Humanismo: Reflexões necessárias*. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2014. 232 p.
- JARVILEHTO, T. The theory of the organism-entorn system III: role of efferent influences on receptors in the formation of knowledge. *Integrative Physiological and Behavior Science*, v. 34, n. 2, p. 90-110, 1999.
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2005. 112 p.
- MATTHEWS, E. *Compreender Merleau-Ponty*. Trad. Marcus Penchel – 2. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011 (Série Compreender)

MERLEAU-PONTY, M. O primado da percepção e suas consequências filosóficas. 1. ed. São Paulo: Papyrus, 1990. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 4. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 662 p.

NÓBREGA, T.P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.

OLIVEIRA, M.E. de; STOLTZ, T. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. *Educar*, Curitiba, v. 1, n. 36, p. 77-93, 2010.

PORTO, A.A.A.; KAFROUNI, R. Teatro e desenvolvimento psicológico infantil. *Avances en Psicología Latinoamericana*, Bogotá (Colômbia), v. 31, n. 3, p. 575-585, 2013.

REIS, N.B. O Corpo como expressão segundo a filosofia de Merleau-Ponty. *Kinesis*, v. 3, n. 6, p. 137-153, dez. 2011.

ROCHA, T.G.; KASTRUP, V. A partilha do sensível na comunidade: interseções entre psicologia e teatro. *Estudos de Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 97-105, 2008.

Recebido em 20/4/2018.

Aceito em 20/6/2018.

Sobre os autores e contato:

Luyendyk Lustosa Cardoso, Universidade Federal do Amazonas,

E-mail: dik.card@gmail.com

Denis Guimarães Pereira, Universidade Federal do Amazonas,

E-mail: denis.guimaraes33@gmail.com

Ewerton Helder Bentes de Castro, Universidade Federal do Amazonas,

E-mail: ewertonhelder@gmail.com